

Anarquismo Revolucionário e o Movimento Antiglobalização

Lucien van der Walt

2009

Conteúdo

Seattle e tudo isso	3
“A ideia que se recusa a morrer”	4
Orientando para o movimento	5
Anticapitalista, não apenas “anti-globalização”	6
Fora e contra o estado	7
O estado-nação é parte do problema. Um é tão ruim quanto outro a esse respeito	8
Contra o protecionismo nacional	9
Para o movimento anti-globalização	10
Propósitos e objetivos	12

Seattle e tudo isso

Polícia de choque lutando contra a juventude. Forças armadas que prendem uma grande cidade americana. Dezenas de milhares sob bandeiras anticapitalistas. Jovens e trabalhadores ocidentais lutam fisicamente contra a OMC e o imperialismo. Essas potentes imagens da “batalha de Seattle”, 30 de novembro de 1999, foram gravadas nas mentes de militantes em todo o mundo, inspirando milhões e milhões lutando contra a guerra de classes que alguns chamam de “globalização”. em Washington e Davos, e duas grandes ações internacionais coordenadas em 1^o de maio de 2000 e em 26 de setembro de 2000, Seattle marcou, de qualquer modo, um importante ponto de virada para a classe trabalhadora e o campesinato.

“A ideia que se recusa a morrer”

E os anarquistas estavam no meio desses protestos e ações de solidariedade, seja no Rio, Joanesburgo, Praga, Istambul, Nova York ou Dublin, demonstrando uma capacidade organizacional impressionante, credibilidade crescente e crescente apelo popular.

Na mídia burguesa, os anarquistas assumiram uma proeminência desconhecida desde a década de 1960, surpreendentemente recebendo ainda mais crédito do que o devido pelo nosso papel no novo movimento “antiglobalização”. O anarquismo foi, como o New York Times exclamou, “a ideia que se recusa a morrer”. A esquerda autoritária, chocada por estar tão flanqueada e descontrolada pelos anarquistas, subitamente achou necessário escrever polêmicas violentas e muitas vezes grosseiramente desonestas contra o anarquismo.

É irônico, então, que o movimento anarquista permaneça destruído com a discordância sobre como deveria se orientar em direção ao movimento “antiglobalização”.

Orientando para o movimento

Muitos anarco-sindicalistas se identificaram fortemente com o novo movimento, muitos outros camaradas parecem relutantes em se envolver mais no novo movimento. Alguns estão, com razão, preocupados com a presença de elementos reformistas e de classe média, como as ONGs no movimento; outros apontam para o inesperado apoio de grupos de extrema direita como fascistas e fundamentalistas islâmicos para a “antiglobalização”; para outros, há suspeitas sobre o papel dos líderes sindicais de direita no movimento.

Essas preocupações são válidas. Mas eles não devem ser usados como razões para não estarem envolvidos no movimento “antiglobalização”. O novo movimento representa um desenvolvimento importante para a classe trabalhadora internacional e uma enorme oportunidade para o movimento anarquista no alvorecer do século XXI. Aproveitar o momento, estar envolvido, moldar o movimento ... esta é a melhor oportunidade disponível hoje para implantar o anarquismo dentro da classe trabalhadora e abrir nosso caminho de volta ao nosso legítimo lugar como um movimento de milhões, um movimento que pode ajudar a cavar o túmulo do capitalismo.

Anticapitalista, não apenas “anti-globalização”

Quando entramos no movimento “antiglobalização”, porém, devemos entrar como anticapitalistas conscientes. A “antiglobalização” é um termo vago que abre a resistência ao capitalismo a todo tipo de armadilhas.

Muitos aspectos da globalização – se por isso queremos dizer a criação de um sistema econômico, político e social mundial cada vez mais integrado – devem ser bem recebidos pelos anarquistas. O colapso das culturas nacionais fechadas, o maior contato internacional, a consciência de ser “cidadãos do mundo”, preocupam-se com os acontecimentos do outro lado do mundo... todos são desenvolvimentos positivos.

Não devemos nos alinhar com aqueles que, sob a bandeira da “soberania” e “nacionalidade”, exigem a aplicação da cultura nacional, dos alimentos nacionais, do fechamento das fronteiras às influências “estrangeiras” e assim por diante. Essa perspectiva – mesmo que vestida com roupas “anti-imperialistas” – é xenofóbica e implica diretamente no apoio a estados-nações locais.

Devemos apoiar as possibilidades de desenvolvimento de uma cultura internacional cosmopolita, a globalização do trabalho e o movimento operário que estão surgindo com a globalização. Devemos nos opor totalmente aos fundamentalistas religiosos, nacionalistas e fascistas cujo problema com a globalização é que ela abre as pessoas para novas ideias que desafiam os preconceitos e práticas culturais. Cultura não é estática. É mudado e reformado através da luta, e nós, anarquistas, devemos defender apenas os elementos das culturas nacionais que são progressistas e pró-trabalhadores.

O que os anarquistas se opõem são os aspectos neoliberais e capitalistas da globalização. Nós nos opomos a ataques a salários, condições de trabalho e bem-estar, porque estes prejudicam a classe trabalhadora e porque são do interesse dos capitalistas.

Esses aspectos capitalistas da globalização são uma guerra de classes internacional enraizada no capitalismo e sua atual crise de lucratividade. Não obstante o alarde sobre a “nova economia” e a “nova prosperidade”, o capitalismo está em crise desde 1973. As taxas médias de crescimento no Ocidente nos anos 50 eram de cerca de 5% ao ano; na década de 1970, eles caíram para 2%; na década de 1980, o número estava mais próximo de 1%.

E assim, as grandes empresas têm tentado se reestruturar para sobreviver e renovar o lucro por meio da implementação do neoliberalismo: precarização, privatização, subcontratação, cortes no bem-estar social, reforma fiscal regressiva e desregulamentação dos movimentos comerciais e monetários. Todas essas políticas são do interesse das seções dominantes da classe capitalista – as grandes corporações transnacionais.

Fora e contra o estado

O Estado-nação capitalista não é vítima da globalização capitalista, como alguns sugerem – geralmente de uma perspectiva nacionalista, capitalista ou reformista – quando argumentam que o desenvolvimento de grandes empresas e grandes instituições multilaterais como o FMI e a OMC a uma perda de “soberania” por um estado-nação supostamente inocente, que é então “forçado” a se adaptar à “nova realidade” da “globalização”.

Esse tipo de argumento tem algumas implicações políticas sérias. Eles desviam a atenção do papel do Estado-nação na condução da reestruturação neoliberal. Eles também tendem a sugerir que o Estado-nação – “nosso” Estado-nação – é uma vítima inocente de que “nós” devemos nos aliar e defender contra uma globalização “estrangeira”. Pelo contrário, os anarquistas reconhecem que o Estado-nação é um dos principais autores da globalização e, em particular, os aspectos capitalistas da globalização.

O FMI, o Banco Mundial e a OMC são organizações compostas de estados-nações membros, assim como as Nações Unidas. É o estado-nação que implementou ataques neoliberais à classe trabalhadora em todo o mundo. Foi o Estado-nação que permitiu que corporações gigantes operassem globalmente, desmantelando as economias nacionais fechadas do período de 1945 a 1973, que se caracterizavam pelo pensamento de que “o que é bom para a Ford é bom para a América”.

É uma reestruturação neoliberal, implementada e reforçada pelo estado-nação, que possibilitou que os mercados de trabalho internacionais, movimentos internacionais de capital e cadeias internacionais de produção emergissem na escala que ocorreu (incluindo muitos países-nação do Terceiro Mundo). aqui, incluindo a África do Sul: testemunhar o fato de que o governo da classe capitalista sul-africana está reduzindo as tarifas mais rapidamente do que a OMC exige. Quando a OMC pediu à África do Sul para abrir sua indústria têxtil por 12 anos, nossos governantes se ofereceram para fazer o trabalho em apenas oito! Portanto, a globalização capitalista não é algo simplesmente imposto ao “nós” pelo sistema global, imperialismo etc., embora estes desempenhem um papel.

O estado-nação é parte do problema. Um é tão ruim quanto outro a esse respeito

Portanto, os anarquistas não concordam com pessoas como Ralph Nader, que argumentou, grosso modo: “Vote em mim, para que eu possa salvar nossa democracia das grandes empresas”, porque os anarquistas sabem que o papel do Estado é servir essas empresas: é isso que Estado faz! É aqui que nos separamos dos que pensam que o Estado é um aliado do trabalho e os pobres na luta contra a globalização capitalista.

Como tal, os anarquistas não podem concordar com a ideia de uma coalizão antiglobalização de direita/esquerda, ou o mito liberal de que agora nos movemos “além da esquerda e da direita”. (Testemunhe os protestos de Seattle: os liberais deram uma plataforma semi-fascista a Pat Buchanan, e choramingaram quando os anarquistas atacaram Niketown).

Contra o protecionismo nacional

Nós lutamos fora e contra o Estado, tentando nos organizar internacionalmente. É verdade que os bens importados baratos ameaçam os empregos “em casa”. Mas a solução não é pedir ao Estado que proíba esses bens: organizar os trabalhadores em todas as fábricas em todo o mundo. Lutamos pela unidade internacional do trabalho, um salário mínimo internacional, padrões internacionais de trabalho e nunca com protecionismo nacional e proibições comerciais.

Os anarquistas querem uma luta autogerida e confrontadora de classes, em vez de “engajar” o sistema. Os anarquistas querem construir formas autogestionadas de luta e ação, em vez de colocar nossa fé na tecnocracia, eleições ou “nossos” governos. Nesse quadro, o uso da violência é uma questão tática, não um princípio: bloquear ou queimar escolhas a serem feitas de acordo com a situação. É exatamente isso que os liberais e pacifistas se recusam a ver.

Para o movimento anti-globalização

Precisamos entrar no novo movimento antiglobalização. É verdade que é cheio de reformistas e elementos de classe média. Mas é precisamente por isso que devemos estar envolvidos! Retroceder é entregar o novo movimento, com seu imenso potencial revolucionário, aos reformistas e à classe média. É abdicar de nosso dever revolucionário de fundir o anarquismo revolucionário com as lutas da classe trabalhadora, para evitar que a revolta dos escravos seja usada para elevar outra elite ao poder.

Não é uma questão de saber se devemos nos envolver. É uma questão de como.

Os objetivos do envolvimento anarquista são certamente:

1. Para promover o autogerenciamento da luta: em cada ponto, os anarquistas devem lutar por formas organizacionais, formas de protesto e formas de tomada de decisão que se baseiem no envolvimento ativo da classe trabalhadora e forneçam uma oportunidade para que a classe se auto-gerencie. lutar, conquistar a confiança e lutar de baixo.

Isso significa:

- Ocupações, em vez de sabotagem de elite.
- Marchas e protestos e tumultos, em vez de defesa de políticas.
- Comitês de ação operando por meio de mandatos e prestação de contas por meio de assembleias e cúpulas, em vez de delegar toda a responsabilidade a um pequeno grupo de líderes.
- Coalizões descentralizadas que permitem a máxima iniciativa a partir de baixo.
- Reforçar a capacidade das organizações através da promoção de ligações horizontais entre grupos e assegurando a mais ampla disseminação de informação para os membros “de base” das estruturas.
- Lutas e demandas que promovem a polarização de classes e expõem a base de classe do neoliberalismo. Podemos levantar demandas “reformistas” com uma mordida de guerra de classe. (Por exemplo, assuma uma empresa em uma crise financeira. Os patrões dirão: vamos economizar dinheiro terceirizando trabalhadores e reduzindo empregos. Os militantes anarquistas podem, ao contrário, levantar a demanda aparentemente “reformista” de que a empresa pode ser salva cortando os salários dos administradores em 80%. Isso irá expor a natureza injusta do sistema, a diferença salarial de classe e a recusa dos chefes de realmente considerar alternativas – porque eles certamente não considerarão isso – tudo isso irá aprofundar a polarização de classe!).

2. Lutando contra o governo: os anarquistas devem estar lá argumentando contra o protecionismo nacional, contra os argumentos para “engajar” o Estado local, contra os apelos para que o estado “se levante” ao capital, contra coalizões de múltiplas classes e apela à nacionalização. Em vez disso, nosso foco deve estar em promover a auto-emancipação da classe trabalhadora através de suas próprias lutas, organizações e esforços, na necessidade de mobilização externa e contra o Estado e na luta de classes contra o capitalismo).

Isso significa:

- Lutando pela solidariedade internacional prática com trabalhadores em fábricas clandestinas e subcontratadas através de campanhas, ações etc., informadas pela perspectiva geral de ganhar padrões internacionais de trabalho (um salário mínimo global, condições básicas globais de emprego, etc.) e sindicalismo global de a base. Esta é a verdadeira base da classe trabalhadora para se opor às importações baratas: melhores salários para todos, em vez de uma corrida para o fundo, onde vemos quem pode ganhar o mínimo ou o protecionismo chauvinista.

- Regulamentação laboral das condições de trabalho, através de ações concretas de solidariedade, em vez de recursos para a OMC, etc., para fazer cumprir as normas de trabalho através de uma cláusula social nos acordos de livre comércio, etc.
- Exposição da base de classe do neoliberalismo como uma tentativa de reduzir os salários e as condições de trabalho, e abrir a economia para a privatização e a especulação e, portanto, da necessidade de uma resposta de classe que não tenha ilusões no estado capitalista
- Opondo-se à privatização porque ela prejudica a classe trabalhadora através da perda de empregos e do agravamento dos serviços sociais, e não porque pensamos que a nacionalização é uma espécie de passo em direção ao socialismo e ao controle dos trabalhadores. Em vez de pedir mais nacionalização como alternativa à privatização – o que não acontecerá e, de qualquer forma, não capacitará a classe trabalhadora – os anarquistas devem levantar demandas por trabalhadores e comunidades autogerenciadas de serviços sociais e infraestrutura, e enfatizar o direito da classe trabalhadora para uma vida decente.

Propósitos e objetivos

O objetivo dessas táticas e demandas é simples. Esses pontos são apresentados como meios para desenvolver uma coalizão de classe trabalhadora poderosa, democrática e internacionalista centrada em sindicatos, mas também envolvendo comunidades, inquilinos, estudantes etc. Além disso, esses pontos também servem para ajudar a desenvolver uma consciência libertária e anticapitalista. da natureza internacional da luta de classes, a oposição entre a classe trabalhadora, por um lado, e o Estado e capital, por outro, e uma confiança generalizada e crença na conveniência, necessidade e possibilidade do socialismo apátrida autogerido (ou seja, anarquia).

Muitos no movimento “anti-globalização” não aceitarão esses objetivos. Mas é exatamente por isso que nossa intervenção no movimento antiglobalização como militantes com ideias e táticas claras é tão vital.

E é também por isso que precisamos de organizações políticas anarquistas com unidade teórica e tática e responsabilidade coletiva, grupos do tipo defendido por Nestor Makhno e Peter Arshinov na Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários em 1926. Unidade, clareza, dedicação são nossas indispensáveis armas revolucionárias contra um inimigo capitalista enormemente poderoso e confiante. Nós podemos ganhar.

Biblioteca Anarquista



Lucien van der Walt
Anarquismo Revolucionário e o Movimento Antiglobalização
2009

Adquirido em 24/07/2019 de <https://periodicoanarquista.wordpress.com/2019/07/21/anarquismo-revolucionario-e-o-movimento-antiglobalizacao/>

bibliotecaanarquista.org